

O PENSAMENTO DE MATTHEW LIPMAN NO CONTEXTO PELOTENSE: POR UMA ÓTICA PESSOAL

Beatris da Silva Seus¹

“Como educadores, temos uma enorme responsabilidade pela irracionalidade da população mundial!” (Matthew Lipman, *A Filosofia vai à escola*).

Resumo: Nossa experiência de regência de classe no ano de 2016 no Colégio Estadual Félix da Cunha, foi marcada pela inserção do método da comunidade de investigação defendida por Lipman. Para melhor explicar os fundamentos de tal, iremos aprofundar os conceitos de experiência e investigação. Portanto, afirmamos termos utilizado o método estrutural de leitura da obra de forma a organizar as ideias principais de Lipman. Em seguida, fundamentamos nosso estágio de regência de classe pelo próprio método de ensino do filósofo, juntamente com o conteúdo de suas obras principais.

Palavras-chave: Ensino de filosofia. Experiência. Pesquisa. Matthew Lipman.

Abstract: Our experience in practical classes in 2016 at the Félix da Cunha State High was characterized by the inclusion of the method of community investigation defended by Lipman. To better explain the fundamentals of such method, the concepts of experience and research were further developed. Therefore, the structural method of reading the work in order to organize Lipman's main ideas was used. Following, we based our practical class apprenticeship on the philosopher's teaching method, along with the content of his major works.

Keywords: Philosophy teaching, experience, research, Matthew Lipman

1. Em defesa do Ensino de Filosofia

De acordo com Matthew Lipman, é papel dos professores de filosofia da contemporaneidade mostrar que a disciplina é indispensável no currículo básico das instituições educacionais. Um modelo de ensino que fuja daquele

¹ Doutoranda em Filosofia pela UFPel. E-mail: beatriseus@gmail.com

modelo tradicional que viemos criticando desde o início deste relatório, parece ser a resposta para a mudança necessária nas instituições públicas.

Toda matéria parece ser mais fácil de aprender quando seu ensino é inspirado pelo espírito aberto, crítico e de rigor lógico característico da filosofia; mas, além disso, a filosofia é ensinada como uma disciplina autônoma e independente para que estudantes e professores nunca a percamos de vista como um modelo criativo, ainda que disciplinado, de investigação intelectual. (LIPMAN, 1990, p. 20).

O saber convencional foi elaborado de forma a considerar a “decoreba” como o fundamento dos modelos tradicionais, mas a filosofia surge no currículo indo contra essa lógica. Pelo contrário, a disciplina defende que os alunos devam através da prática dos seus raciocínios, formular respostas que possam ou não ir de concordância com os livros didáticos, e isso valeria para as demais matérias do currículo. Lipman não está dizendo que não existam verdades da matemática, da química ou da biologia. Na verdade, o autor está defendendo que os alunos tenham o direito de errar até encontrar a resposta mais apropriada, ou seja, a de consenso universal como a correta. O autor vai criticar que nos livros didáticos não se explique aos alunos que determinado cientista errou várias vezes até acertar num procedimento científico, que até a lâmpada ter sido

inventada, Thomas Edson errou pelo menos noventa vezes. Dessa forma, parece que as grandes descobertas da humanidade foram frutos de um *insight* que aquelas crianças e jovens nunca irão ter. Por isso, a criatividade, a busca pelo saber e a investigação fazem parte do modelo de ensino proposto por Lipman.

A lógica certamente é um acompanhamento indispensável para o cultivo do raciocínio, já que os critérios lógicos são os únicos que temos para distinguir um raciocínio melhor de um pior. [...] Consequentemente, a tradução da filosofia tradicional em filosofia para crianças exigiu uma ordenação dos tópicos de lógica de modo que os estudantes pudessem compreender intuitivamente cada novo passo e como ele decorre do anterior. Como já foi indicado, o texto tradicional dá lugar ao romance filosófico, um trabalho de ficção constituído, tanto quanto possível, de diálogos de modo a eliminar a repreensível voz de um narrador adulto atrás dos bastidores. As ideias filosóficas estão espalhadas profusamente em cada página, de modo que é rara a criança que possa ler uma página sem ser golpeada por alguma coisa intrigante, alguma coisa controversa ou algo que a deixe maravilhada. (LIPMAN, 1990, p. 22).

Dessa forma, a lógica apresentada pela filosofia, é uma ferramenta útil para as investigações de todas as áreas do saber. É através de critérios lógicos, que regras argumentativas são formadas para a investigação intelectual. No caso da filosofia, Lipman procurou um modo de conciliar a prática da filosofia (construção lógica de argumentos) com a sua teoria (conteúdos e termos específicos) a serem alcançados pelas crianças e jovens. No caso de Lipman, as crianças do ensino fundamental ainda muito curiosas, são instigadas a ouvir ou lerem uma novela filosófica elaborada por alguém formado na área de filosofia. Essa história terá um desenvolvimento lógico e óbvio muito forte, que todas as crianças serão capazes de observar. O professor enquanto auxiliar nesse processo horizontal de ensino será aquele a dar as regras do discurso e orientar aquelas constatações verdadeiras ou falsas. Só depois de compreender e desenvolver algumas capacidades lógico-argumentativas, que os alunos estarão prontos para ler escritos brutos de filosofia acadêmica. Assim como era com Sócrates, Lipman tenta demonstrar com seu método, que o diálogo deve ser encorajado para a construção de hipóteses, para detectar incoerências e incompatibilidades nos discursos, tirar conclusões válidas e assim por diante. A filosofia no ensino fundamental e médio, nessa perspectiva, não precisa ser uma ciência solitária. Além disso, de forma a tornar a prática filosófica mais atrativa, Lipman leva em consideração que os conceitos discutidos em sala de aula devem sim fazer referência a algum determinado assunto considerado importante pelas crianças e jovens. De acordo com o filósofo, “fazer com que discutam assuntos que lhes são indiferentes priva-as dos prazeres intrínsecos de se tornarem educadas e abastece a sociedade com futuros cidadãos que nem discutem o que lhes interessa, nem se interessam pelo que discutem” (LIPMAN, 1990, p. 31).

O autor dirá que a sociedade espera que ao completar 18 anos² um jovem seja capaz de votar, pensar criticamente e formar juízos de valores sem nunca ter sido instigado a fazer isso. Se se espera que tenhamos uma comunidade crítica, interessada e racional, devemos desde o ensino básico buscar fugir do modelo que garante apenas pessoas capazes de copiar e colar aquilo que lhe foi dado pronto de forma vertical pelo professor.

A avaliação, que deveria ter, na melhor das hipóteses, apenas uma posição auxiliar, tende a ser a força que dirige o sistema. O conteúdo das avaliações estrutura o currículo que, por sua vez, controla a natureza da educação do professor. [...] Escolas de educação tendem a repetir os valores de sua sociedade, e não

² Aqui no Brasil é de 16 anos, a idade varia de país para país.

o contrário. Já que o principal objetivo da educação é aprender, como é o caso em todas as sociedades tribais, o modelo de memorização dominará a avaliação e os professores acharão difícil não ensinar para os testes. Igualmente triste é que o modelo de aquisição de informação que domina a educação, em vez de estimular as crianças a pensarem por si mesmas, seja um fracasso até em seus próprios termos, pois ficamos constantemente assustados com o pouco que nossas crianças parecem saber sobre a história do mundo ou sobre a sua organização política e econômica (LIPMAN, 1990, p. 36).

Já que as disciplinas não buscam ativar o espírito investigativo de seus alunos, acabam que suas avaliações conseguem apenas levar em consideração na hora de dar uma nota, a repetição de conteúdos apresentados previamente. Dessa forma, os alunos não apreendem de fato o conhecimento, eles simplesmente decoram informações por alguns instantes, reproduzem essa informação, e a esquecem. Tal modelo de avaliação se inspira muito nos valores sociais que estão em jogo no dia a dia da sociedade, que são abarcados dentro das escolas e reproduzem sujeitos próprios para isso³. Além disso, a escola que é um espaço para repensar as verdades absolutas da sociedade, se torna um centro de repetição de valores. Lipman, indo contra essa ideia tradicional, dirá que a sala de aula deve tornar-se uma comunidade reflexiva que pensa sobre as disciplinas relativas à sociedade e sobre seus pensamentos sobre o mundo. Nesse sentido, o modelo de comunidade investigativa e de reflexão dá a possibilidade da criança assimilar e apropriar a cultura. Dessa forma, os alunos receberiam os conteúdos presentes nos livros didáticos ainda de forma bruta, mas tendo a oportunidade de lapidá-los por si mesmos. Lipman traz a lógica como exemplo: acabada pode ser considerada repugnante pelas crianças. Mas isso pode ser superado pelo prazer de descobri-la aos poucos, sua ligação com a linguagem, e assim por diante. Para isso ser possível, todo conteúdo programático tanto da filosofia quanto das demais disciplinas, deve ser revisto e repensado pelos professores de cada área. Algumas atividades interdisciplinares também podem e devem fazer parte do currículo, tais atividades auxiliam na compreensão de que o conhecimento tão fragmentado ao longo dos anos faz parte de uma cultura só. A superação das dicotomias curriculares parece auxiliar a compreensão de que existem disciplinas mais importantes que outras, ou que a práxis é mais importante que a teoria. O que Lipman pretende demonstrar com

³ Recomendamos ao leitor observar as críticas de Foucault ao modelo tradicional de ensino, onde a educação prepara cidadãos num contexto de vigilância e adestramento do corpo e da mente. Prontos para adentrar no mundo capitalista onde o ócio é inaceitável, a escola auxilia a sociedade a criar e determinar sujeitos nesse contexto.

esse novo modelo de ensino, é que todos esses elementos e considerações constituem uma coisa só, sendo todas as partes necessárias e com a mesma importância. Ensinar as habilidades do pensamento, como a lógica instrumental, não tira da filosofia a sua importância bruta, apenas facilita a sua compreensão.

As escolas, contudo, têm suas próprias razões para estarem apreensivas. Estão dispostas a ajustar-se às exigências de preparar seus protegidos para a cidadania. Mas não se sentem totalmente prontas para fornecer os valores pessoais que eram de responsabilidade dos pais. A situação parece não apontar soluções viáveis. Se os professores adotam quaisquer princípios éticos particulares e os impõem a seus alunos, ficam sujeitos à acusação de doutrinação. Por outro lado, se os professores se recusam a adotar esses princípios ou se os questionam abertamente, ficam sujeitos à acusação de que estão ensinando as crianças a acreditarem que os valores são meramente relativos ou subjetivos. Em suma, a escola não quer ser acusada de doutrinação, seja por algum sistema absoluto de valores, seja por uma abordagem relativista de valores (LIPMAN, 1990, p. 92–93).

Não é preciso dizer o quão atual para o contexto brasileiro é essa afirmação de Lipman. Antes era óbvio para o ensino que a escola era responsável pelo ensino, enquanto que o contexto familiar era responsável pela educação das crianças e dos jovens. Nesse sentido, não há fuga: a escola pode acabar sendo acusada de doutrinação incentivando ou não a manutenção de determinados valores morais. Dessa forma parece não haver um meio termo entre um autoritarismo ou um relativismo vazio, de acordo com o filósofo. Na verdade, as crianças são sim capazes de raciocinar e efetivamente constituir preceitos morais. Porém, a sua racionalidade precisa ser alimentada com a reflexão. Para Lipman, portanto, apresentar às crianças procedimentos e ferramentas da investigação ética, é prepara-las a se envolverem nas práticas morais racionais. Iremos a seguir, pontuar tais habilidades que são consideradas para o autor como “Habilidades do Pensamento”.

- Habilidade de Raciocínio: Competência de classificar, definir, formular questões, dar exemplos e contra-exemplos, identificar similaridades e diferenças, etc.

- Habilidade de Investigação: Explicação, descrição, formulação de problemas, formação de hipóteses e medição.

- Habilidades de Formação de Conceitos: Envolve a habilidade de mobilizar processos de raciocínio para que convirjam e identifiquem questões

conceituais particulares.

Além disso, são muitos os atos/estados mentais capazes de auxiliar nas escolhas e/ou decisões dos alunos. Para Lipman, é um ato mental escolher determinada coisa A em nome de B, ou duvidar de verdades, respeitar algo e querer saber/entender alguma coisa. Esses atos mentais abrangem desempenhos mentais como supor, imaginar, reconhecer, lembrar, escolher, comparar e associar. Numa comunidade de investigação aos moldes de Matthew, a imaginação posta em relação com essas habilidades, pode fortalecer as capacidades racionais das crianças. Um exemplo disso pode ser o envolvimento de crianças na leitura de obras literárias. As personagens das obras desempenham atos e habilidades o tempo todo, e a criança enquanto leitor desempenha tais atos mentalmente para entender o que está se passando na história. Para Lipman, ganhar atos mentais desenvolvendo a leitura, traduz-se num ganho de capacidade de escrever. Nesse sentido, entendemos que o aprimoramento da racionalidade dos alunos e conseqüentemente de suas habilidades, é um papel das disciplinas enquanto trabalho interdisciplinar. E ao observarmos da importância da literatura no desenvolvimento de escrita das crianças, entendemos porque Matthew opta pelas novelas filosóficas no lugar de obras brutas de filosofia para o ensino infantil. Lembremos sempre, que pelo menos nesse estágio da obra *A Filosofia vai à Escola*, o autor ainda está descrevendo um modelo perfeito de ensino para crianças também em fase de alfabetização. Na conclusão do nosso relatório veremos como tais constatações poderiam ser modificadas para o ensino do ensino médio brasileiro.

Estimular crianças a pensar, desenvolver suas habilidades cognitivas para que raciocinem bem, envolve-las em diálogo disciplinado para que raciocinem juntas, desafia-las a pensar sobre conceitos significantes da tradição filosófica e ainda desenvolver sua capacidade de pensarem por si mesmas para que possam pensar racional e responsabilmente quando confrontadas com problemas morais. Treinadas a pensar criticamente não permanecerão indefesas diante dos esforços em doutrina-las. E, além disso, treinadas a ouvirem cuidadosamente os outros e a levarem em conta os pontos de vista e perspectivas dos outros, não permanecerão uma presa fácil de alternativas insanas e cínicas porque terão conhecido as vantagens da objetividade. (LIPMAN, 1990, p. 102).

Quando o caráter racional da criança é preparado para lidar com questões morais e afins, elas são encorajadas a desde a infância a demonstrarem interesse em assuntos como a política, a sociedade e a economia. Acostumadas com o

jogo de linguagem, com diversas opiniões diferentes e bem fundamentadas, a doutrinação torna-se impossível. O que Lipman tenta dizer com isso é que, mesmo os adultos que não tenham suas habilidades racionais desenvolvidas, podem ser facilmente doutrinados apesar da experiência de vida. E as crianças, apesar de não ter grande experiência do mundo empírico, possuem sim a racionalidade desde os anos iniciais - e com isso - possuem numa linguagem kantiana a condição de possibilidade da atividade filosófica. Porém, como já foi dito anteriormente, é trabalho não da filosofia sozinha, mas da junção entre escola e família desenvolver todas essas capacidades racionais que nos fazem humanos. O autor ainda brinca que “a falta de interesse dos adultos pela filosofia pode parecer esquisita a uma criança pequena assim como a falta de interesse da criança em assuntos adultos parece a nós”. (LIPMAN, 1990, p. 103).

2. As subdivisões da Filosofia

Na obra *A Filosofia vai à Escola*, Lipman tem um capítulo chamado *Habilidades de Pensamento e a Filosofia* onde tenta demonstrar o papel de cada conceito filosófico na educação infantil. Tentaremos aqui, portanto, fazer algo similar. Pontuaremos algumas das disciplinas consideradas aplicáveis para a formação curricular básica das instituições educacionais, tentando criar uma justificativa para o ensino filosófico. É abundante a discussão sobre a distinção e a importância da filosofia frente à ciência. Sobre isso, Lipman afirma:

Em geral, podemos dizer que o estágio inicial da investigação e um assunto recentemente descoberto é filosófico. É um estágio no qual as perplexidades são abundantes, assim como as especulações sobre como resolvê-las. Não que a filosofia desapareça, pois deixa-se ficar sob a forma de crítica. Cada disciplina tem a sua “filosofia de” – há a filosofia da literatura, a filosofia da educação, a filosofia da arte e a filosofia da ciência. As “filosofias de” representam o pensamento crítico sobre essas disciplinas, utilizando o repertório de habilidades conceituais e analíticas que formam uma parte da tradição filosófica. A filosofia tenta clarear e iluminar assuntos controversos e desordenados que são tão genéticos que nenhuma disciplina científica está equipada para lidar com eles. [...] Qualquer que seja o assunto, entretanto, o objetivo da filosofia é o de cultivar a excelência no pensamento, e os filósofos fazem isso examinando o que é pensar historicamente, musicalmente, matematicamente – em uma única palavra, pensar excelentemente nas disciplinas (LIPMAN, 1990, p. 111).

Em suma, ao poder contribuir com os diversos fragmentos do conhecimento humano, a filosofia serve de instrumento para a racionalidade. Por esse motivo, observamos muitas vezes a disciplina perder a sua “essência” na medida em que auxilia a todas as outras matérias sem formar sua disciplina específica. Na verdade, Matthew irá tentar encontrar a “essência filosófica” enquanto disciplina não fragmentada. Veremos a seguir todas as características que uma aula de filosofia possui, sem perder também a sua unidade conceitual. Antes de falarmos mais sobre essa possível fragmentação, gostaríamos de pedir para que o leitor pense em um filósofo dito como “completo”. Quem sabe um Immanuel Kant, ou um Nietzsche?! Pois bem, tendo esse filósofo em mente, pense em todos os seus escritos e tratados filosóficos. Apesar de ambos os autores terem contribuído para o direito, a política, a educação, a epistemologia e a lógica, todas essas características e levantamentos conceituais formam, num todo, um pensamento filosófico. A filosofia bruta de cada autor possui um desenvolvimento lógico argumentativo. Sem compreender a crítica à lógica de Nietzsche, não há como compreender sua crítica à moral, por exemplo. Nesse sentido, apesar de cada filósofo poder contribuir para as mais diversas áreas do saber, cada um deles formou sua própria Filosofia onde tais considerações dependem e relacionam-se entre si. Talvez seja importante vermos a filosofia na escola dessa forma, ela pode desenvolver as mais variadas capacidades cognitivas dos jovens, mas sem perder sua unidade que a transforma nesse “títã” argumentativo, essa “mãe de todas as ciências”.

Todavia, há algo de mais significativo que a filosofia traz à procura da excelência no pensamento, e que é a sua subdisciplina de lógica. A lógica é uma disciplina normativa em vez de descritiva. Isto é, ela não se esforça para descrever como as pessoas pensam, mas oferece, em vez disso, critérios por meio dos quais podemos distinguir um bom pensamento de um mau pensamento. [...] Uma vez que a racionalidade é o objetivo primordial da educação refletiva, a lógica tem muito com que contribuir ao cultivo do pensamento. Um exemplo relevante é o fato de que aqueles que procuram uma taxonomia das habilidades do pensamento podem iniciar com as habilidades de raciocínio necessárias para efetuar as operações cognitivas das quais a lógica consiste. (LIPMAN, 1990, p. 111-112).

Começaremos, pois, com a lógica! Já foi possível perceber a importância que a lógica apresenta na metodologia de ensino de Lipman, é com ela que os argumentos filosóficos são gerados a partir das novelas filosóficas, e é ela que

auxilia na matemática, na interpretação de textos e nas considerações históricas. É ela que mais demonstra a prática presente na atividade filosófica, afinal, é a partir de argumentações lógicas que a ciência parte para a experiência. Porém, não é apenas com a lógica que Matthew preocupa-se em pontuar. A epistemologia também desenvolve papel primordial no ensino filosófico e interdisciplinar. É a epistemologia que nos auxilia a pensar criticamente, pois é ela que investiga os fundamentos e critérios que determinam afirmações como certas ou erradas. A epistemologia seria o pontapé inicial de cada investigação, sendo seguida pela lógica que irá fornecer os critérios para avaliar o raciocínio por meio do qual se tentará conservar ou expandir uma verdade pré-estabelecida. Já a ética e a estética, apresentam às crianças e aos jovens as razões que levam determinadas pessoas a chamarem algo de “certo”, “justo”, “bom”, “mau”, “belo”, entre outros. Além disso, durante o ensino médio, é a estética que auxiliará os jovens na elaboração de textos científicos ou não. De acordo com Lipman, “tendo aprendido a raciocinar epistemológica, metafísica, ética, lógica e esteticamente, eles agora estão preparados para raciocinar algébrica, geométrica, histórica, científica e praticamente” (LIPMAN, 1990, p. 119). Como é possível observar, na perspectiva do autor, há um desenvolvimento racional nas crianças e nos jovens, desenvolvimento esse que através do ensino interdisciplinar deve ser levado em consideração. Ora, apesar de a filosofia instruir as habilidades infantis, ela também precisa de um espaço próprio para que a história da filosofia e questões éticas, morais e afins sejam discutidas. Uma instituição que deixe de lado qualquer uma dessas abrangências da disciplina estará fadada ao erro na medida em que oferece um ensino insuficiente para as demandas sociais. A seguir veremos de que tipo de professor esse modelo talvez utópico precise para dar conta de suas necessidades (além é claro de uma ligação muito estreita entre família e instituição docente).

O ensino da filosofia requer professores que estejam dispostos a examinar ideias, a comprometer-se com a investigação dialógica e a respeitar as crianças que estão sendo ensinadas. Os métodos atuais de formação de professores não primam por desenvolver essas disposições. [...] A mudança pode ocorrer e terá de ocorrer se aqueles que ensinam para memorização forem substituídos por aqueles que privilegiam um pensamento ativo, enérgico e excelente. (LIPMAN, 1990, p. 173-174).

É impossível não notar a crítica pesada à tradição que Lipman desenvolve ao longo de seu escrito. Para o autor, as raízes da educação são tão

profundas, que é quase impossível fugir das consequências desta ampla tradição. Desta forma, o autor considera que é impossível mudar parâmetros curriculares atuais e seus métodos ultrapassados, sem a exclusão de professores há muito tempo formados. E indo mais longe, para esse modelo resultar, seria necessário elaborar uma profunda mudança desde o currículo pedagógico das universidades que preparam futuros licenciados. Para dar certo, a universidade deveria se unir com o ensino público não só enquanto atividades de extensão, mas enquanto análise dos PPP e currículos para uma tradução dos mesmos para a linguagem dos alunos. Existe, dessa forma, um limite para o qual frequentemente podemos pedir ajuda aos textos clássicos sobre a educação. É preciso evoluir! “Não podemos continuar a colocar sobre o professor todo o peso de traduzir um currículo escolar para a linguagem dos alunos, pois sabemos o que acontecerá: o professor irá repassá-lo para a criança”. (LIPMAN, 1990, p. 174). É necessária, dessa forma, uma reforma geral na educação. Para isso, infelizmente falta muito tanto na sociedade em que Lipman se encontrava, quanto (e mais ainda) na nossa. Infelizmente, o conhecimento pelo conhecimento parece ter perdido sua importância. Por mais que pareçam óbvias as implicações práticas de uma sociedade fundamentada num ensino crítico e racional, a filosofia precisa provar sua necessidade no currículo diariamente, defendendo assim a sua contínua existência. Para o autor, o fazer filosofia exige três coisas que são incompatíveis com o que se requer em uma sala de aula tradicional: conversação, diálogo e comunidade.

A metodologia da comunidade de investigação proposta por Lipman é baseada no diálogo. Deve ser um ambiente aberto, livre e intelectualmente provocativo havendo uma possibilidade de igual participação entre os seus integrantes. É por isso que é correto afirmar que o propósito da comunidade de investigação é político: ela visa a construção de uma sociedade democrática desde os anos iniciais da escola. Lipman acreditava que com essa CI, é possível incentivar cidadãos reflexivos, participantes e questionadores. Nesse sentido, estudantes e professores dialogam como iguais acerca de um problema/investigação. Como vimos anteriormente, os alunos passam dessa forma a não apenas conhecer os resultados de uma pesquisa. Agora, inseridos na CI, eles conseguem analisar todo o processo do conhecimento, podendo pensar inclusive em resultados diferentes. Assim, cada membro da comunidade ajuda a elaborar tanto o seu pensamento, quanto o dos colegas. Com membros apropriando-se de ideias conjuntamente, há a possibilidade de pôr em prática as habilidades que vimos anteriormente, contribuindo para o desenvolvimento ou crítica das ideias de outros membros. Nesse aspecto, cada um precisa dar razões argumentando logicamente acerca de suas respostas propostas. Na medida em que há o direito de discordar e de buscar a diversidade intelectual, não há

nenhum tipo de doutrinação ou perspectiva oficial abrigando um argumento do ponto de vista “perfeito” (verdade absoluta).

Lipman acreditava que quando os participantes se deixam envolver pelo diálogo, eles começam a sentir prazer em discutir temas filosóficos. Além da lógica, o diálogo dos indivíduos se baseia em regras respeitadas por todos, sendo o conhecimento produzido coletivamente. A manifestação dos pensamentos de todos os alunos, além de coletiva, é também autocorretiva na medida em que observando os erros argumentativos do colega, tenta-se superá-lo sem julgamentos pessoais. Sem prazos pré-determinados, o diálogo dessa comunidade pode ser demorado, e mesmo que a meta nunca seja alcançada, é importante ter ela como plano de fundo de toda a discussão. É papel do professor, orientar os pensamentos dos alunos rumo a tal objetivo. Como essa comunidade é principalmente pensada para os anos iniciais da escola, é importante ressaltar que ela visa formar indivíduos capazes de elaborar ideias a partir de suas próprias experiências, respeitando também as ideias dos colegas. É necessária a apresentação de razões para afirmar exemplos, contraexemplos e suas justificações, devendo sempre reconhecer a importância das ideias alheias para a formação de suas próprias.

Como vimos, sem verdades pré-estabelecidas, a comunidade investiga até chegar logicamente a respostas mais coerentes do problema proposto. Na medida em que o espírito filosófico é um espírito curioso, é fundamental que uma aula de filosofia vise a formação de pessoas capazes de argumentar criticamente, ativando aquela curiosidade um tanto quanto adormecida pela modernidade. Nesse sentido, não há aula de filosofia sem a investigação, seja dos alunos ou dos filósofos presentes na história da filosofia. Sem a vontade de querer saber, aprender e conhecer, chamada também de espírito investigativo, realmente pode parecer que uma aula de história seja entediante. É por isso que trazemos conosco outro termo tão fundamental para Lipman: a experiência. Quando o aluno tem a oportunidade não só de vislumbrar verdades pré-estabelecidas por filósofos, mas também de criticá-las e construir novas concepções, de colocar em prática métodos de pesquisa filosóficos, tudo se torna mais interessante. Dessa forma, a investigação dá conta de tornar interessante a teoria, a história da filosofia. Já a experiência, dá conta de inserir alunos críticos na sociedade, além de demonstrar que eles também possuem as condições de possibilidade para o desenvolvimento de artigos e escritos “científicos” do ponto de vista filosófico; de pôr em prática aquilo que nossos antepassados gregos descobriram. É sim utópico pensar dessa maneira, mas talvez com um avanço na educação, e principalmente na filosofia enquanto *Telos* do homem, fosse possível ordenar um novo modelo de sociedade livre de tantos preconceitos, diferenças sociais e crises mundiais.

Talvez Matthew Lipman não estivesse pensando exatamente em mudar o mundo quando começou a escrever *A Filosofia vai à Escola*, talvez estivesse engajado simplesmente em construir um modelo que possibilitasse o ensino da tão temida Filosofia nos ensinamentos iniciais. Mas nós, como bons filósofos romantizados, não podemos deixar de pensar nas consequências positivas de um novo modelo de ensino. Talvez seja a hora de repensar tudo, de deixar pra trás algumas fundamentações teóricas clássicas já ultrapassadas, de criarmos novos valores!

3. Regência de classe em Pelotas versus o método de Lipman

Durante nossa experiência no Félix da Cunha, foi possível observar que os alunos, apesar de estarem inseridos em um contexto muito difícil, apresentavam uma força de vontade muito grande nas aulas de filosofia. Motivados por uma curiosidade “infantil”, eles pareciam maravilhados a cada descoberta. Levando isso em conta, juntamente com a sua ausência de conhecimento na área de Filosofia⁴, foi importante para nós fazermos uma analogia: devemos tratar esses estudantes do ensino médio, como alunos que possuem a mesma curiosidade e gama de conhecimentos que algumas crianças na comunidade internacional. Enquanto que em outros países o ensino de Filosofia inicia logo nos anos iniciais do currículo escolar, aqui no Brasil a história é outra. Precisamos dar conta dessa situação sem chegar em sala de aula jogando conteúdos prontos no quadro, ao invés disso, a filosofia precisa ser introduzida para os alunos. Por esse motivo, escolhemos o método de ensino do Lipman e seus conceitos de experiência e investigação. Considera-se a experiência importante na medida em que ela traz “gosto” para a atividade filosófica, poder construir argumentos e conceitos é o que define a filosofia pelo que ela é. Nesse sentido, a experiência nos faz analogia com o “fazer filosofia”. Já a investigação, nos faz analogia com “aprender e/ou ensinar história da filosofia”. Acreditamos que ambas as filosofias, prática e teórica, consigam juntas formar jovens capazes de constituir uma visão crítica da sociedade, além de jovens capazes de discutir com conceitos já definidos há muito tempo por filósofos antigos, medievais, modernos e contemporâneos. Porém, trata-los como crianças num sentido sério do termo, ajudou! Foi necessário retomar toda história da filosofia dos antigos gregos até a modernidade para conseguir

⁴ Infelizmente é de nosso conhecimento que a maioria dos alunos da rede pública de ensino, não tem aulas de Filosofia e/ou Sociologia com professores formados na área. Essas disciplinas, e em geral a própria área de humanas, são vistas como algo desnecessário, ou demasiado fútil a ponto de qualquer pessoa poder desenvolver seus conteúdos, mesmo sem formação. Acreditamos que por conta disso, o ensino de Filosofia torne-se tão superficial que passe a ideia de ser desnecessário.

introduzir o pensamento de Descartes. Sempre foi levada em consideração as dúvidas e as experiências individuais de cada aluno, respeitando suas limitações consequentes de uma educação precária. Da mesma forma que Lipman pensou na novela filosófica como introdução de termos filosóficos para crianças ainda ignorantes na área, nós fizemos uso do *Mito da Caverna* de Platão para demonstrar de forma suficiente a diferença entre senso comum e pensamento filosófico. Além disso, outros ditados do senso comum foram utilizados como ferramenta de ensino, juntamente com a leitura da obra filosófica original do autor escolhido naquele momento. Ao trazer os alunos pra discussão, jogando ideias no ar sem as respostas prontas previamente apresentadas, foi possível observar que aqueles jovens tinham a competência filosófica. Sem nunca ter tido uma aula de filosofia, eles foram capazes de inferir logicamente algumas conclusões de problemáticas como a do gênio maligno cartesiano. Além de aprender história da filosofia, eles também fizeram filosofia. Percebemos que a nossa disciplina deve ser adaptada ao ensino básico, incentivando a pesquisa intelectual e mostrando que não é necessário ter muito dinheiro ou tempo livre pra pensar criticamente acerca dos problemas do dia a dia.

Dessa forma fica claro que trouxemos Lipman para a discussão, pois, além de ter desenvolvido um modelo de ensino a ser copiado, ele traz um método de aula facilmente adaptável para qualquer contexto. Vimos por muito tempo que não existe fórmula mágica para dar aulas, cada turma se comportará diferente. Nós enquanto futuros educadores, formadores de caráter e de futuros profissionais, somos responsáveis por nossos jovens. Somos responsáveis por buscar novos conhecimentos, novas metodologias de ensino e fundamentações teóricas na área da educação. Temos um comprometimento de não apenas repetir os erros do passado, mas se o fizermos, devemos aprender com estes. Nunca seremos um “Super-Professor” nem algo do gênero. Mas seremos professores de filosofia, cultivadores da sabedoria, incentivadores de outros seres humanos habilidosos racionalmente. Esperamos que com esse trabalho de conclusão de curso da licenciatura, com essa fundamentação teórica, tenhamos conseguido apresentar propriamente a filosofia da educação de Matthew Lipman. Esperamos incentivar a todos a não abrir mão da instituição pública brasileira, pois somos nós, profissionais da educação, que damos a sua essência.

Considerações Finais

Acreditamos ter desenvolvido suficientemente a análise da obra *A Filosofia vai à Escola*, principalmente enquanto passo final dessa jornada de quatro anos de aulas sobre a educação, e dois anos de estágios. Seguimos o método proposto previamente e conseguimos chegar a conclusões plausíveis acerca do

ensino de filosofia para crianças e jovens. Acreditamos ter encontrado no autor escolhido algumas considerações fundamentais no que diz respeito à importância e fundamentação da Filosofia nos ensinos fundamental e médio.

Esses dois anos de estágio foram importantes por diversos motivos: aprendemos através da leitura de diversos teóricos da educação, os diferentes pontos de vistas e paradoxos que dizem respeito ao tema. Para compreendermos a prática escolar, analisamos os mais diferentes métodos de ensino, juntamente com uma análise da possibilidade de um ensino tanto tradicional, quanto contemporâneo, onde a explanação de conteúdos de forma horizontal é possível. Conseguimos analisar a prática e a realidade da profissão através da observação de aulas, e tivemos a oportunidade de praticar e conhecer melhor o ato docente no estágio de responsabilidade. Com certeza seria impensável dar aulas sem essa preparação proporcionada pela universidade, agora, saímos da academia sabendo desenvolver conteúdos, planos de ensino e de aulas, dialogar com a realidade dos colégios e etc. Termos os estágios desenvolvidos por uma professora da área de Filosofia com vinculação na área da educação foi também muito proveitoso: conseguimos fazer ótimas analogias entre filosofia e educação, estudando como diversos filósofos importantes trataram o tema, e lidaram com a profissão docente ao mesmo tempo em que elaboravam escritos de nível científico.

Com certeza a vinculação de teoria e práxis inserida no desenvolvimento dos estágios, e também no presente relatório, contribuiu muito para nós estudantes. Estamos no meio termo – somos alunos e logo seremos professores – temos agora a escolha entre continuar estudando, ou entrarmos já para o mercado de trabalho. Sem o engajamento da academia isso não seria possível, e com as futuras modificações do currículo da disciplina tudo tende a melhorar cada vez mais.

Referências Bibliográficas

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à Escola**. Tradução de Maria Elice de Brzezinski e Lucia Maria Silva Kremer. – São Paulo: Summus, 1990.

CERLETTI, Alejandro. **O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

COTRIM, Gilberto. FERNANDES, Mirna. **Fundamentos de Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

GOLDSCHMIDT, Victor. **Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos: A Religião de Platão**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963, p. 139-147.

PAVIANI, Jayne. **Epistemologia Prática: Ensino e Conhecimento Científico**. Caxias do Sul: Editora Educs, 2009.

RUSS, Jacqueline. **Os Métodos em Filosofia**. Tradução de Gentil Avelino Títton. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

VALEIRÃO, Kelin. **Filosofia da Educação: Fundamentos**. Pelotas: Ed. Universidade Federal de Pelotas, série Dissertatio-Studia, 2014.